

Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

FORMAÇÃO DOCENTE, REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO.

Karine Andrade da silva (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campo Mourão, Karineandrasilva@gmail.com
Fabiane Freire França
Unespar/Campo Mourão, prof.fabianefreire@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo expor os resultados obtidos ao longo do projeto de iniciação científica intitulado: formação de professores do ensino médio: para além dos pressupostos binários. Nossa pesquisa teve por intuito desvelar quais os conceitos, concepções e as bases teóricas que sustentam a prática docente, em se tratando da educação voltada as questões de gênero e sexualidade. Diante disso levantamos a seguinte problemática: quais são os materiais que os docentes tem ou tiveram acesso, sobre a temática da sexualidade? E sobre qual base teórica se fundamenta a prática dos docentes ao tratar do tema? Metodologicamente nos embasamos na vertente dos estudos culturais, que visam desconstruir e reelaborar os discursos tidos como prontos e acabados. Nesse sentido elaboramos um questionário semi-estruturado aos docentes de Ensino médio de uma escola pública de Moreira Sales/ PR. Este material foi a fonte de nossa análise uma vez que por meio desse conseguimos investigar as falas, colocações, pensamentos dos professores e por conseguinte refletimos teoricamente como esses conceitos norteiam as ações efetivas desses profissionais na educação.

Palavras-chave: Ensino Médio. Educação sexual. Formação docente.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa refere-se aos resultados finais, obtidos ao longo do desenvolvimento do projeto de iniciação científica intitulado: Gênero e sexualidade no Ensino Médio: formação docente para além dos pressupostos binários. Nossa pesquisa iniciou-se no segundo semestre de 2014 por uma revisão bibliográfica acerca do tema para a consolidação do aporte teórico que respaldasse nossa pesquisa.

Tivemos como objetivo central investigar os conceitos e as representações que os/as docentes têm sobre as questões de gênero e sexualidade. Por isso, problematizamos: qual/quais pesquisas e materiais os/as professores de Ensino Médio têm ou tiveram acesso sobre gênero e sexualidade? E sob quais pressupostos, se ancoram esses materiais? Para atender aos objetivos da pesquisa e responder a questão norteadora nos baseamos nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais como referenciais teóricos da pesquisa.

No que diz respeito a seleção do referencial teórico vale destacar que os Estudos Culturais fomentam discussões acerca da/s cultura/s e produção das identidades de gênero, sexual, de raça, etnia e relações de poder entre os indivíduos e os grupos culturais (FRANÇA, 2009). Wortmann e Alfredo Veiga-Neto (2001), expressam que os Estudos Culturais da Ciência compreendem investigações em

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

diversas áreas, dentre elas, História, Teoria Feminista, Antropologia e Sociologia. Esse referencial coloca em pauta uma cultura contra hegemônica que deixa de ser domínio da tradição científica e erudita e passa a dialogar com a cultura popular, dos sujeitos até então excluídos das relações de poder dominantes. Do mesmo modo, os Estudos de Gênero nascem num espaço de fortalecimento das identidades das mulheres em ambientes, como os acadêmicos, que até então, só reconheciam os homens como produtores de conhecimento (FRANÇA, 2014).

Nossa inquietação é justificável, pois como apontam as autoras França e Calsa (2011), é preciso problematizar os conceitos de gênero e sexualidade que são apresentados no contexto escolar por meio de um processo desconstrutivo que supõe o questionamento da identidade dos sujeitos no que diz respeito a seus valores e normas. Diante disso buscamos compreender as concepções dos/as docentes do Ensino Médio e analisá-las e refletirmos os impactos dessas temáticas na educação de alunos e alunas, e sob quais suportes teóricos são tratadas.

Como recurso metodológico da pesquisa formulamos um questionário semiestruturado que foi aplicado a cinco professores/as que atuam em um colégio público de Ensino Médio da cidade de Moreira Sales/PR. A seleção dos/as docentes do Ensino Médio justifica-se pelo fato das temáticas gênero e, mais especificamente, sexualidade serem atreladas a essa etapa do desenvolvimento fisiológico e biológico de meninas e meninos e geralmente estarem restritas ao discurso das áreas biológicas. Na sequência apresentaremos os percursos da pesquisa e os seus desdobramentos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS: O CONTATO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

O questionário semiestruturado foi elaborado, e posteriormente, respondido por cinco professores/as do Ensino Médio, que se dispuseram a fazer parte da pesquisa. Esses/as docentes eram responsáveis por ministrar as seguintes disciplinas: uma professora de língua portuguesa, uma professora de língua estrangeira, uma professora de química, um professor de física e um professor de matemática.

Cabe destacar que a princípio tínhamos como proposta desenvolver entrevistas com os/as docentes interessados/as na pesquisa, todavia, devido o contexto atual de paralisações, mobilizações e greves não foi possível localizar os sujeitos da pesquisa para a realização desse procedimento.

Abaixo consta o questionário aplicado aos docentes. Em primeiro momento indagamos questões de identificação, em segundo pontuamos perguntas sobre suas ações, pensamentos e encaminhamentos do/a docente no tocante à educação, ao gênero e a sexualidade.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

Quadro 1: Questionário aplicado às/aos docentes do Ensino Médio

1- Nome: _____
2-Sexo _____
3-Gênero _____
4- Sexualidade _____
5- Profissão _____
6-Tempo de trabalho _____
7-Tempo que trabalha nesta instituição _____
8 -Disciplinas que ministra: _____
9- – Escolas em que atua: _____
10 – Nível em que atua: () Educação Infantil () Fundamental () Médio () Superior
11-Idade: _____
12- Formação: _____
13-Religião: _____
14 - Na sua opinião, de quem é a responsabilidade das orientações sobre as dúvidas em relação a sexualidade e o gênero?
15 –A quem os alunos e alunas recorrem para esclarecimentos sobre gênero e sexualidade?
16 – Você considera que a disciplina que ministra tem abertura para discussões sobre gênero e sexualidade? Ou não é compatível com essa temática?
17- Na escola em que trabalha há espaço para discussões ou formação para os alunos e alunas sobre sexualidade? Justifique sua resposta.
18 – Qual o seu posicionamento quando aparecem questionamentos que envolvem sexualidade na sala de aula?
19 – Como você analisa os estudos sobre a sexualidade como parte integrante da formação/educação

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

de seus alunos e alunas? Justifique sua resposta.

20 – Quais suas sugestões para a realização de um trabalho sobre sexualidade na escola que trabalha?

Categorizamos as informações fornecidas pelos/as docentes que responderam o questionário. O quadro abaixo expressa algumas características de seu perfil pessoal e profissional.

Quadro 2: Dados de identificação dos participantes da pesquisa

Docentes

Sigla	Gênero	Sexo	Sexualidade	Idade	Tempo que leciona	Formação
PLP	F	F	N/R	48	12	Letras
PLE	N/R	F	N/R	63	39	Letras
PQ	F	F	Heterossexual	47	6	Tecnologia em Alimentos/Licenciatura em Química
PFM	M	M	hétero	26	4	Ciências Naturais, Física
PM	N/R	M	N/R	46	28	Matemática e ciências

Fonte: Coleta de dados da Pesquisa

Ao analisarmos a tabela supracitada observamos que todos os/as docentes responderam a pergunta relativa a qual sexo pertenciam, porém quanto a indagação sobre qual seu gênero e sua sexualidade, os docentes de Matemática e língua Estrangeira não souberam responder. Isso é justificável, pois como assinalam França e Calsa (2011) a dificuldade em distinguir, sexualidade e gênero expressa a confusão conceitual em definir em que espaço termina a natureza e onde começa a cultura na formação humana.

Siglas professora de Língua Portuguesa e assim sucessivamente para as demais áreas de atuação dos sujeitos. F (Feminino); M (masculino); N/R (não respondeu)

Enquanto que a professora de língua portuguesa disse ser do gênero feminino, porém não respondeu qual seria sua sexualidade.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Os outros três, um sendo o professor de física, respondeu que era do gênero masculino e sexualidade hétero. A professora de química respondeu ser do gênero feminino e sobre sua sexualidade respondeu ser heterossexual. Enquanto que a professora de língua portuguesa disse ser do gênero feminino, porém não respondeu qual seria sua sexualidade.

Com esse mapeamento sobre o perfil dos sujeitos investigados notamos algumas dificuldades em expressarem características da sua própria identidade sexual e de gênero. Tais dificuldades podem ser reproduzidas nos diálogos com os/as alunos/as quando aparecem questões ou ações referentes às construções das identidades de gênero e sexualidade. Para tanto, na sequência apresentamos as respostas dos/as docentes sobre como pensam essas temáticas e por quais concepções são orientados/as.

REPRESENTAÇÕES DOS DOCENTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE SEXUALIDADE: ANÁLISE DOS DADOS

Observamos, portanto, por meio das respostas ao questionário que os conceitos de gênero e sexualidade ainda não são nítidos para alguns dos/as docentes, em contrapartida eles definiram o sexo como feminino ou masculino sem demonstrar dúvidas. Analisamos que a questão referente a sexo é de maior compreensão, pois como aponta Carvalho e Junior (2013), o termo sexo admite uma compreensão referida ao aspecto natural, biológico, da distinção física entre macho e fêmea, homem e mulher no senso comum. Enquanto a categoria gênero é mais ampla, nesse sentido:

Gênero é uma categoria útil para análise histórica por ser uma construção sociocultural dos papéis femininos e masculinos; construção que delimita padrões de comportamento e representações socialmente compartilhados. Ser homem ou ser mulher não é sinônimo de pertencer ao sexo masculino ou feminino, pois trata-se da incorporação dos papéis socialmente construídos e delimitados para um e para outro (SCOTT, 1995, p.134).

Por último, é preciso explicar ainda o que é sexualidade, que difere de sexo e gênero, uma vez que, identidades sexuais são produzidas por meio das maneiras que os sujeitos vivem a sua sexualidade seja com parceiros/as do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos ou sem parceiros/as (LOURO, 1997). Assim, podemos considerar que a “sexualidade define a orientação sexual do indivíduo que pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual” (FRANÇA e CALSA, 2011, p.215, 2011).

Na sequência os/as docentes foram indagados acerca da atribuição da responsabilidade das orientações sobre as dúvidas em relação a sexualidade e o gênero. Todos/as os/as professores/as responderam que compete à escola e justificaram de duas maneiras. As primeiras justificativas

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

referem-se ao currículo: “A sexualidade na escola é tratada como um tema transversal e já faz parte da Proposta Pedagógica Curricular” (PQ). Na mesma direção PM responde, “[...] devemos sim repassar conhecimento, mesmo porque é conteúdo do currículo. (Trecho extraído do questionário).

Conforme assinala Furlani (2007), no Brasil consta no currículo oficial, que a educação sexual não é uma disciplina obrigatória, mas uma temática que deve ser transversalizada em todos os conteúdos. Ainda, segundo a autora, o sexo, a sexualidade e o gênero, são pensados como “monstros curriculares”, como todo assunto marcado pela polêmica e pela normatização.

Outro elemento destacado pelos docentes refere-se a escola como lugar onde deve haver esclarecimento sobre sexualidade, mas salientam a insuficiência dessa orientação no âmbito familiar. Isso fica nítido na fala da professora de língua estrangeira: [...] a família também deve esclarecer os filhos, [...] só que tudo hoje está a cargo da escola (Trecho extraído do questionário). E na fala da professora de química: “Quando uma correta orientação sexual não ocorre em casa, a escola passa a ter também essa função (Trecho extraído do questionário).

Contudo, podemos questionar o que esses/as docentes entendem por “correta orientação”? Sob qual concepção e paradigmas se assenta essa orientação? Qual fundamento teórico a professora utiliza para julgar qual é a orientação correta ou errada ensinada pela família?

Ademais, concordamos que tanto escola quanto família não se consideram preparadas para o trabalho com a temática. Ainda que os currículos escolares possam apresentar algumas discussões com esse direcionamento, os conteúdos estão marcados pelo discurso biologizante, restritos às disciplinas de ciências biológicas (FRANÇA, 2014). Para Scott (2009), as famílias não conseguem conversar sobre esse tema de maneira esclarecedora, pois também são fruto de uma escola que não refletiu sobre seu papel diante de questões sobre a sexualidade. Vemos assim que a escola historicamente tem negligenciado a educação voltada a essa temática, e que isso vem sendo repassado de geração em geração sem que haja maiores reflexões. Contudo esse quadro deveria ser revertido no sentido de que,

a discussão sobre sexualidade (ampla histórica e social) deveria ser imperativa entre pais educadores e profissionais. Porque nessa relação educativa, as pessoas vão lidar com as questões da sexualidade humana, valores, concepções e preconceitos que devem ser constantemente, refletidos e questionados em todas as instâncias sociais, como a família, a escola, a igreja, o direito (legislação) e os meios de comunicação em massa almejado um processo de educação sexual emancipatória, que torne possível as pessoas atingir a utopia da liberdade em uma sociedade repressiva (MAIO, 2011, p. 201).

Quando os/as docentes foram questionados a quem os alunos e alunas recorrem para esclarecimentos sobre gênero e sexualidade, responderam que ora aos docentes, ora à equipe

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

pedagógica ou aos/as colegas. O professor de física ainda acrescenta, “[...]mas percebo o seguinte que na maioria das vezes os próprios alunos tentam sanar suas dúvidas com os próprios colegas somente em casos mais externos que procuram a equipe pedagógica da escola (Trecho extraído do questionário).

Ao encontro da afirmação do professor, Soares et al (2008), asseveram que os/as adolescentes buscam como fonte de informação sobre sexualidade principalmente os/as amigos/as por sentirem-se mais a vontade para tratar sobre a temática. Assim, apesar dos/as alunos/as buscarem a ajuda dos/as professores/as, eles/as ainda preferem como fonte de informação principal seus pares. Talvez, isso seja resultado da falta de confiança ou de abertura para tratar dessa temática com a família, ou até mesmo receio de recorrer a escola para esses esclarecimentos.

Adentramos na questão curricular, ao perguntarmos se a disciplina que o/a docente ministra tem abertura para discussões sobre gênero e sexualidade. Nessa questão as respostas foram variadas, e contrastantes. O professor de matemática considera que todas as disciplinas poderiam abordar esse conteúdo, enquanto que o professor de física menciona,

por eu trabalhar com disciplinas mais de exatas não apresenta tanta amplitude para debater esses temas somente em datas específicas como do combate a exploração sexual da criança ou adolescente ou quando surge algum caso mais grave que tem de se repassar para os alunos esclarecendo dúvidas (Trecho extraído do questionário).

Aqui vale lembrar que as discussões sobre gênero e sexualidade estão presentes nas relações sociais, nos mais diversos e variados espaços. Em uma aula de matemática, física ou química os/as alunos/as podem apresentar algum tipo de atitude preconceituosa contra algum colega pelo fato de ser diferente. Nesse sentido, os estudos de gênero são interdisciplinares, pois eles estão presentes nas relações humanas, e o professor ou a professora são vistos como referência ao silenciar ou dar abertura às discussões sobre os temas. Calar-se diante de uma atitude machista ou preconceituosa é mantê-la viva dentro da escola (FRANÇA, 2014).

Ainda a respeito das discussões sobre sexualidade em suas disciplinas, a professora de língua portuguesa considera que, “minha disciplina é compatível com a temática, pois posso levar diversos temas para fazer o estudo da língua (Trecho extraído do questionário). Ao encontro dessas postulações, a professora da disciplina de química apresentou o seguinte posicionamento,

com certeza, pois há uma relação muito grande entre a química, as substâncias produzidas pelo nosso organismo (hormônios), a atração, os desejos sexuais, as alterações físicas e psicológicas ocorridas em nosso organismo (Trecho extraído do questionário).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Diferente do professor de física, a professora de química evidenciou abertura às discussões e relações com a sua disciplina. Embora sejam das áreas de exatas, apresentaram posicionamentos divergentes. Mas, vale destacar que as relações apresentadas pela professora ainda incidem no viés biológico – hormônios, organismo. Nesse sentido, Almeida & Luz (2013) discorrem que ao olharmos para o atual contexto da educação nos deparamos em um cenário que as vezes tem um caráter reprodutor de antigas tradições, e em outros momentos assume um aspecto mais compreensivo.

A maioria dos/as professore/as atrelou a discussão da temática com a questão do currículo, ou seja, se a temática pode ser ou não ser inserida conforme os conteúdos programados de cada disciplina. Podemos entender o currículo como prescrito por Goodson (2006), no qual os conteúdos são selecionados segundo uma lógica sequencial que deve ser mantida e obedecida.

Não percebemos nas concepções dos professores e das professoras a atribuição da responsabilidade social da escola em tratar da temática gênero como componente curricular de formação integral dos/as alunos/as. As discussões aparecem apenas em níveis secundários, ou quando a escola precisa tratar dessas temáticas em datas específicas. Essa representação precisa ser problematizada uma vez que,

os currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, locus das diferenças de gênero, sexualidade [...]. Essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem (LOURO, 1997, p. 64).

Vemos portanto, que além da preocupação dos/as professores/as em ensinar os conteúdos historicamente elaborados, deve haver também um questionamento sobre o que se ensina e da forma como se ensina. Para que as reflexões sobre gênero e sexualidade atravessem a barreira da obrigatoriedade, e passe a ser um campo propício para discussão e reelaboração dos modelos prontos e acabados. Quando questionamos os/as docentes se na escola que trabalham havia espaço para discussões ou formação para os/as alunos/as sobre sexualidade, a professora de química relatou que:

os conteúdos são normalmente, são trabalhados na disciplina de biologia. Cada professor, conforme sua afinidade e conhecimento com relação ao assunto, trabalha questões como: direitos sexuais, a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como Aids e hepatites virais, uso de preservativos, gravidez, etc. Também acontecem palestras ministradas por agentes de saúde e estagiários (Trecho extraído do questionário).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Mais uma vez notamos, pelas concepções docentes, que a educação sexual é vista ainda sob o viés biologizante, no qual a disciplina de biologia é considerada o espaço adequado para lidar com a temática, pois trata de assuntos afins como doenças, e reprodução. Desse modo,

mesmo sendo a instituição escolar um espaço significativo de formação humana integral e de inclusão das diversas identidades sociais, lidar com a sexualidade na escola tem sido ainda um trabalho bastante complexo. Quando esse tema é tratado no currículo escolar, comumente se observa, que o debate circula em torno das funções reprodutivas, higiene pessoal, controle da natalidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis reduzindo-se então as questões da sexualidade ao espaço das respostas certas ou erradas sobre condutas (CAETANO & JUNIOR, p. 87, 2013).

Podemos falar nesse sentido também em educação como preventismo é o que assevera Quadros & Menezes (2009). É uma maneira de abordar o assunto partindo do pressuposto que o/a médico/a, o/a enfermeiro/a, o/a professor/a, que são autoridades que “dominam” o assunto, ensinam o/a aluno/a, o/a jovem o que é melhor, esperando que ele/ela mude o seu comportamento, sua forma de pensar e agir. Diante disso não vemos uma relação dialógica que coloca o/a aluno/a como partícipe do processo, que o traz para a discussão considerando suas vivências, experiências, e conhecimento, mas sim uma relação unilateral. Perguntamos quais seriam os posicionamentos dos/as docentes investigados quando surgissem questões que envolvessem sexualidade em sala de aula e obtivemos as seguintes respostas do professora de Química:

Se for conteúdos que tenho pleno conhecimento, auxilio nas discussões e tiro dúvidas, caso não tenha total conhecimento do assunto tratado, permito que este ocorra e apenas organizo discussões, algumas vezes coloco minhas opiniões e se surgirem dúvidas que não possa esclarecer me comprometo a buscar informações (Trecho extraído do questionário).

Na mesma direção, o professor de física responde que, “se tiver algum fundamento e eu tiver bagagem suficiente procuro responder em outros casos passo para colegas que consigam sanar as dúvidas dos alunos com mais exatidão”. E a Professora de língua estrangeira, menciona que tenta “esclarecer, peço ajuda se necessário”.

Conforme assevera a autora Maio (2011) o trabalho com educação sexual deve ser respaldado pela ciência e pela teoria, ao contrario tornar-se-ia terapia de grupo, abordagem religiosa ou reprodução de preconceitos ou concepções do senso comum.

Ainda segundo a autora supracitada o/a professor/a deve ter em sua formação para lidar com a educação sexual muita informação sobre a sexualidade e sobre suas várias formas de

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

manifestação em cada período de desenvolvimento humano, e também capacidade de escuta para com o que inquieta seus alunos.

Retornando as respostas dos docentes o professor de matemática, pontua: “acho, normal, e aproveito para aconselhar”.

Podemos observar nas falas dos/as docentes que não se sentem totalmente seguros/as e esclarecidos quando aparecem questões de sexualidade no cotidiano da sala de aula. E que eles/as não têm uma concepção teórica que fundamente sua intervenção. Isso é nítido nas afirmações “tento esclarecer”, “aconselhar”, “minhas opiniões”. Nesse sentido Asinelli-Luz, Morales e Manikowski (2007), discutem que a prática da educação sexual na escola reflete como o educador percebe e vivencia a sua própria sexualidade.

Os/as professores/as também foram indagados/as sobre como analisavam os estudos sobre sexualidade como parte integrante da formação de seus/suas alunos/as. De maneira geral argumentaram que esses estudos são importantes para a formação dos/as alunos/as. A professora de língua portuguesa pontuou que “são estudos necessários para uma formação mais humana e digna para todos e todas independente da sua escolha sexual”.

Analisamos, portanto, que a professora acredita respeitar o que considera opção do aluno. Cabe ressaltar que orientação sexual difere de opção sexual uma vez que a primeira refere-se a uma escolha e interessar-se sexualmente por outra pessoa não é uma escolha. Como assinala a autora Furlani (2009), a ideia de opção sexual está marcada por tabus, crenças, posturas e também é um processo sistemático de intervenção na área da sexualidade feita pela escola. Se o sujeito pudesse optar por ser homo ou heterossexual, certamente ele escolheria não sofrer preconceitos e seguir as normas. Portanto, orientação sexual foi um termo criado para problematizar a ideia de opção sexual.

Dessa maneira a docente percebe que “diferenças não devem significar desigualdade e que as pessoas devem ser reconhecidas e, portanto respeitadas as suas características e opções de diferentes ordens” (MARQUES, p.72, 2009).

O último questionamento que fizemos foi sobre qual a sugestão do/a docente para um trabalho sobre sexualidade na escola. Sucintamente sugeriram palestras, vídeos com profissionais como médicos ou enfermeiros, ou com alguém com conhecimento sobre o assunto. Isso fica nítido nas falas da professora de Química: “Reuniões com profissionais da saúde (médicos, enfermeiras, especialista em educação sexual)”. E da professora de língua Portuguesa: Sugiro que o tema seja trabalhado por meio de palestras com dinâmicas e vídeos.

Essas sugestões vão ao encontro do que a autora Maio (2011) discute. Devido a preocupação com a gravidez precoce e a contaminação de AIDS os profissionais da saúde principalmente os médicos (homens) passam a oferecer capacitação aos profissionais da educação, essa capacitação seria

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

por meio de palestras, e dias de reuniões pedagógicas, focando em aspectos relacionados a doenças. Isso demonstra que ainda se incumbe a educação sexual a profissionais da área de saúde em sentido preventista e biologizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa pesquisa foi possível analisar, por meio das respostas dos/as docentes, que não há um direcionamento ou formação específicos para lidar com questões de gênero e sexualidade na escola. Desse modo, os/as educadores não tem uma base teórica que sustente sua prática. Quando aparecem questões sobre sexualidade eles/as respondem com suas próprias opiniões, pensamentos e valores, ou em outras situações que consideram mais conflituosas, buscam maiores esclarecimentos com pessoas que entendem melhor sobre o assunto, uma vez que não se sentem preparados/as ou informados/as o suficiente para sanar as problemáticas de seus/as estudantes. Outro ponto nítido é que a escola ainda não é a principal fonte de conhecimento sobre sexualidade, os alunos/os continuam a buscar informações entre os seus próprios amigos, isso demonstra que a escola tem muito que avançar para dialogar com esse/a jovem acerca dessas temáticas.

Compreendemos com a pesquisa que os jovens recorrem aos seus pares para resolver suas questões sobre sexualidade porque esse viés lhe permite dialogar uma vez que há uma troca mútua de confiança e abertura sem julgamento. Em contrapartida a escola ainda funciona como uma instituição detentora de conhecimento, arraigada de princípios obsoletos que afasta e inibe os adolescentes, o que é compreensível pois ainda vemos que na educação escolar a sexualidade é tratada de modo biologizante, preventista, moralista, colocando o jovem como receptor passivo de informações sobre sexualidade. Todavia, é preciso entender que o/a jovem vive, sente, percebe e constroi sua sexualidade.

Ademais os/as docentes, apesar de não terem um suporte teórico que os embasem, e por muitas vezes terem que buscar por conta própria conhecimentos sobre sexualidade, assinalam mudanças, pois demonstram interesses e abertura para tratar da temática da sexualidade, dessa forma não são neutros, e não se eximem de sua responsabilidade formadora. Esses são os primeiros passos em busca de uma educação dialógica. Ainda necessitamos de maior atenção e esforço teórico em se tratando dessa temática, não para obtermos certezas absolutas e sim para desconstruirmos e questionarmos o que é tido como certo e acabado, afim de reconstruir o conhecimento e a nós mesmos.

REFERÊNCIAS

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

ALMEIDA, D. K.; LUZ, S. N. Educação sexual e ensino Médio técnico: abordagens da educação sexual no ensino médio técnico. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

ASINELLI-LUZ, A.; MORALES, C.; MANIKOWSKI, T. S. **Educação sexual: perfil e prática de educadores/as**. In: MOSTRA SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS, 2. Brasília: UnB, 2007.

CAETANO, M.; JÚNIOR, J. A. S. **A escola diante da diversidade**. São Paulo: WAK, 2013.

CARVALHO, R.T. Escola e diferença cultural: o debate da diferença cultural no campo do currículo da educação básica. In: SCOTT, P.; LEWIS, L.; QUADROS, M. T.; (Orgs). **Gênero diversidade e desigualdade na educação: interpretações e reflexões para formação docente**. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

FRANÇA, F. F. **A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2009.

FRANÇA, F. F.; CALSA, C. G. **A problematização dos saberes de gênero no ambiente escolar: uma proposta de intervenção a formação docente**. Antíteses, v. 4, n. 7, 2011.

FRANÇA, F. F. **Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com educadoras**. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

FURLANI, J. **Sexos, sexualidades e gênero: monstrialidades no currículo da educação sexual**. Revista em educação, Belo horizonte n.46, 2007.

FURLANI, J. Encarar o desafio da educação sexual na escola In: **Sexualidade/Secretaria do Estado da Educação. Superintendência de Educação**. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba SEED, Pr, 2009.

GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. 3ª ed. São Paulo: Vozes.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAIO, E. R. **O nome da coisa**. Maringá: UNICORPORE, 2011.

MARQUES, R. L. Protagonismo escola em diversidade, diferenças e direitos. In: SCOTT, P.; LEWIS, L.; QUADROS, M. T.; (Orgs). **Gênero diversidade e desigualdade na educação: interpretações e reflexões para formação docente**. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

QUADROS, T. M.; MENEZES, J. A abordagem de direitos sexuais e reprodutivos na escola. In: SCOTT, P.; LEWIS, L.; QUADROS, M. T.; (Orgs). **Gênero diversidade e desigualdade na educação**: interpretações e reflexões para formação docente. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SOARES, S. M.; AMARAL, M. A.; SILVA, L. B.; SILVA, P. A. B.; **Oficinas sobre sexualidade na adolescência**: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. Esc Anna Nery Ver Enferm, 2008.

WORTMANN, Maria Lucia; VEIGA-NETO, Alfredo. Estudos culturais da ciência & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.